

COMO E QUANDO SE INICIA O PROCESSO DE EFETIVAÇÃO DE UMA ORALIDADE CONSIDERADA CULTA, SOB A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

José Mario Botelho (FFP-UERJ e ABRAFIL)

RESUMO

Considerando oralidade e escrita como práticas sociais e não tão simplesmente duas modalidades de uma dada língua, assevero que tais fenômenos se entrecruzam em diferentes níveis do letramento. Por esta razão, elas se completam, embora apresentem cada uma por si características particulares, à medida que exercem influências mútuas constantemente. Diferentemente do que propõem Kato (1987) e Terzi (1995), constatei que se dá uma relação cíclica entre a fala pós-letramento e a escrita pós-letramento, e que os efeitos do letramento na fala do usuário proficiente (BOTELHO, 2012) constituem o que se pode conceber como o que se considera “oralidade culta” – oralidade de um bom nível de letramento. Entretanto, não quero dizer que tal oralidade culta constitua propriamente a norma padrão da língua, a qual se refere especialmente à modalidade escrita da língua. O objetivo dessa pesquisa é, de fato, levantar a hipótese de que é num ponto elevado do letramento que se inicia o processo de efetivação do que se pode conceber como oralidade culta de uma dada língua.

Palavras-chave:

Letramento. Oralidade e escrita. Influências mútuas. Oralidade culta.

1. Introdução

Antes de tudo, convém atentarmos para o fato de serem a oralidade e a escrita duas práticas sociais sobre serem modalidades de uma dada língua. Logo, não concebo as linguagens oral e escrita tão simplesmente como duas modalidades, das quais os usuários de uma dada língua faz uso quando lhe é conveniente; i. é, não são duas modalidades da língua à disposição dos usuários, os quais escolhem usar uma ou outra ao seu bel prazer; oralidade e escrita são fenômenos que se entrecruzam e se completam, cujas práticas se relacionam uma com a outra de forma efetiva e espontânea, apesar de serem atividades independentes.

Certamente, não ignoro a existência de um grande número de usuários, que não fazem uso direto e fisicamente da escrita por motivos diversos: ou por falta de hábito, ou por uma escolaridade deficitária ou nula – dos considerados analfabetos – ou outro motivo qualquer. Contudo, em sociedades de oralidade secundária, como é o caso de praticamente todas

as sociedades modernas, todos os usuários de uma dada língua materna praticam ambas as modalidades no seu dia a dia.

Portanto, corroboro Ong (1982), que defende a ideia de que as sociedades modernas se caracterizam como sociedades de oralidade secundária – aquela em que se desenvolve a prática da escrita. Nelas, todos os usuários de sua língua materna têm um grau de letramento, porquanto praticam as modalidades oral e escrita nas suas variadas formas. Corroborando Rojo (2009), que afirma que

[letramento] busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98)

assevero que a prática da escrita não se efetiva apenas com a utilização de um lápis ou uma caneta e papel; há formas diversas, que constituem usos indiretos, mas que refletem o processo da escrita, o qual é uma particularidade do referido fenômeno.

Assim, observo que é necessário refletir sobre a conveniência da tão divulgada apreensão que Soares tem do fenômeno letramento:

O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita. (SOARES, 2010, p. 18)

De fato, a prática do ler e do escrever se mostra um dos mais eficazes meios de desenvolvimento do letramento de um dado usuário de uma língua, contudo há outros tantos meios também eficazes⁶⁰.

Sem dúvida nenhuma, a linguagem oral e a linguagem escrita são práticas distintas, por terem as suas particularidades, se considerarmos as suas naturezas, mas não são estanques. Elementos de uma modalidade podem ser encontrados nas produções da outra, uma vez que em todas as produções linguísticas se observam as influências que uma exerce sobre a outra nos mais variados níveis de conhecimento da língua e seu desenvolvimento.

⁶⁰ Cf. O poema “O que é letramento”, de Kate M. Chong – uma estudante norte-americana, de origem asiática. O poema, que foi traduzido pela própria Magda Soares, que o inseriu em seu *Letramento: um tema em três gêneros* (2001, p. 41), também é epigrafe em *Boteelho* (2012, p. 5-6).

A língua, que é um sistema de possibilidades linguísticas, constitui a fonte de ambas as modalidades; por conseguinte, elementos de uma são normalmente encontrados na outra durante as suas práticas. Daí, serem os seus produtos sempre semelhantes, variando apenas quanto ao nível de conhecimento de cada uma delas e de influências que uma exerce sobre a outra. Não é nenhuma novidade que num primeiro momento é a oralidade que influencia a escrita, já que muitas marcas da oralidade são encontradas nos textos escritos por usuários incipientes, exatamente por serem tais usuários iniciantes do processo da escrita. Mas, num segundo momento (Cf. BOTELHO, 2012; TERZI, 1995; KATO, 1987; e muitos outros), é a escrita que influencia a oralidade, de modo que muitas marcas da escrita são sentidas nas produções orais de muitos usuários. E o que dizer sobre um terceiro momento, em que usuários com um efetivo e considerável grau de letramento produzem discursos orais e escritos de alto nível?

Assim, o objetivo deste artigo é o de apresentar certos aspectos linguísticos, comumente encontrados na escrita, particularizando-a, mas que também foram encontrados em produções orais em diferentes níveis do conhecimento de 20 (vinte) informantes – alunos do Colégio Pedro II, e comprovar as influências de uma modalidade sobre a outra na formação de uma oralidade culta.

Para identificarmos o como e quando se inicia o processo de efetivação de uma oralidade que se possa considerar culta, tomarei com ponto de partida os estudos feitos por Kato (1987) e por Terzi (1995). Entretanto, diferentemente dos esquemas propostos por elas, em relação à fala e à escrita que se efetivam antes e depois do letramento, concebo um esquema diferente. Nesse esquema, simbolizo uma relação cíclica entre a fala pós-letramento e a escrita pós-letramento, considerando que esta exerce influência sobre aquela e vice-versa.

2. *Asserções fundamentais*

Primeiramente, convém afirmar que todos os membros normais das sociedades de oralidade secundária – alfabetizados ou não – apresentam um determinado grau de letramento, porquanto o desenvolvimento do letramento é proporcional ao contato com as diversíssimas formas de aculturação. Além do mais, o desenvolvimento da linguagem oral se dá independentemente do uso direto da escrita.

Numa leitura interpretativa do gráfico acima, temos o contínuo da Fala da esquerda para a direita, abaixo da linha pontilhada horizontal e, da direita para a esquerda, acima dessa linha, o contínuo da escrita. “Conversações” caracterizam o protótipo da fala; “Textos acadêmicos”, o protótipo da escrita. Também se pode observar que “Comunicações pessoais” são tipos de escrita bem afastados do seu protótipo, assim como “Exposições acadêmicas” são tipos de fala bem afastados do seu protótipo. E entre esses textos afastados e os respectivos protótipos, figuram outros tantos tipos de fala e de escrita nos respectivos contínuos.

Se compararmos tais produtos, considerando as posições que ocupam no contínuo e não simplesmente o fato de serem eles produtos de uma das modalidades, com suas particularidades, constataremos as suas semelhanças. Assim, a diferença fundamental entre um “bilhete” ou uma “inscrição em parede” (de um banheiro público, por exemplo) e um “bate-papo” entre amigos se estabelece no processo: aquela se produz com a mão (e chega ao destinatário pelos olhos); esta, com a boca (e chega ao destinatário pelos ouvidos). Certamente, um “bilhete” sofre a influência efetiva da oralidade, uma vez que muitas são as marcas da oralidade encontradas nesse tipo de texto escrito.

Semelhante comentário se pode fazer numa comparação entre um “artigo acadêmico” e uma “conferência”, em virtude da grande semelhança que se estabelece entre tais produtos. Porém, nesse caso, parece que é a escrita que influencia a oralidade, uma oralidade de alto nível de letramento, o que caracterizaria a oralidade culta.

Convém ressaltar que entre os tipos mais afastados de cada contínuo com o seu protótipo não se estabelece uma diferença processual, mas praticamente não há semelhanças entre eles. Logo, entre uma “conferência” e um “bate-papo” – produtos da fala –, ou entre um “artigo acadêmico” e um “bilhete” – produtos da escrita –, há mais diferenças do que semelhanças. Tal fato se justifica por haver em tais produtos afastados em cada contínuo marcas do protótipo do outro contínuo. Em virtude disso, torna-se inconveniente qualquer comparação entre os produtos da fala e os da escrita sem se levar em consideração as posições que ocupam num *continuum* tipológico (MARCUSCHI, *op. cit.*; BOTELHO, 2004; 2012).

Apesar de haver mais semelhanças do que diferenças entre os produtos de cada modalidade, posto que oralidade e escrita têm naturezas distintas, elas não são a mesma coisa, mormente se considerarmos o pro-

cesso de produção discursiva de cada um desses fenômenos (BOTELHO, 2012, p. 75-91).

3. Momento em que se efetiva uma oralidade culta

Numa pesquisa com alunos do Colégio Pedro II do Humaitá, feita em 1999-2001 (BOTELHO, *ibidem*), constatei que, em textos escritos por alunos do 6º ano, que iniciam os estudos formais de técnicas de redação, apresentam-se inúmeras marcas da linguagem oral. Embora tais textos se caracterizem como textos escritos, já que a sua concepção é escrita e o meio utilizado é o da escrita, muito se assemelham a um texto oral, à semelhança de uma transcrição da fala. A mim me parece que o conhecimento do padrão coloquial da oralidade é imposto espontaneamente. Ou seja, o pouco conhecimento do padrão culto da escrita, que apenas se inicia nesse nível de escolaridade, ainda não tem força para medear os seus textos escritos. Logo, nesse início do processo de efetivação da escrita formal, é uma fala pré-letramento bem estabelecida que se impõe na prática da língua daqueles alunos de 6º ano.

Paralelamente, constatei também em textos escritos por alunos do 1º ano do Ensino Médio, que já desenvolvem os estudos formais de técnicas de redação, não apresentam mais tantas marcas da linguagem oral. Tais textos se caracterizam essencialmente como um texto escrito; a sua concepção é escrita e o meio utilizado é o da escrita, não mais se assemelham a textos orais. Parece-me, nesse caso, que o conhecimento do padrão culto da escrita é imposto espontaneamente, já que tal conhecimento se desenvolve nesse nível de escolaridade e medeam os seus textos escritos. Trata-se de bom nível do processo de efetivação da escrita formal, é uma escrita pós-letramento estabelecida que se impõe na prática da língua desses alunos de 1º ano do Ensino Médio.

Três anos depois, com o desenvolvimento e aprimoramento das técnicas de redação e a prática contínua da escrita, os textos escritos por esse mesmo informante, já no último ano do Ensino Médio, praticamente não apresenta marcas da oralidade; nesse momento, constata-se, pois, marcas da escrita na sua fala espontânea. A concepção da produção, nesse caso, é oral e o meio utilizado é o da oralidade, mas o conhecimento do padrão culto (comum à escrita) sobrepõe ao conhecimento do padrão coloquial da fala.

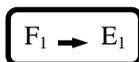
A partir dos dados dessa pesquisa de três anos com alunos de 6º e 8º anos e alunos de 1º e 3º anos do Ensino Médio, pode concluir que em todos os níveis do conhecimento da escrita os textos escritos e orais são semelhantes. Num estágio de fala e escrita pré-letramento, é a oralidade que exerce influência sobre a escrita; e num estágio de fala e escrita pós-letramento, é a própria escrita que exerce influência sobre a fala.

Assim, “estabelecem-se semelhanças entre a oralidade e a escrita de um determinado usuário, conforme o seu estágio de conhecimento e prática da língua”, até que “se efetive um ciclo de simulações mútuas e contínuas” (Cf. BOTELHO, *ibidem*, p. 72-4), numa verdadeira isomorfia entre a oralidade e a escrita como práticas sociais. E é nesse momento que se estabelece uma oralidade de alto grau de letramento, que se pode denominar oralidade culta.

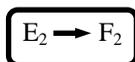
3.1. Como se dá a isomorfia entre as duas modalidades da língua

Primeiramente, podemos destacar uma tênue isomorfia entre as duas modalidades da língua logo após o início da prática de redação escolar, que se dá no 6º ano do Ensino Fundamental no Colégio Pedro II, do qual os informantes são alunos.

Nesse momento, as produções escritas desses informantes apresentam diversas marcas da oralidade, já que aplicam nelas espontaneamente o conhecimento que têm da linguagem oral. Seu grau de letramento é baixo e a sua prática escrita ainda é incipiente. A linguagem oral (F_1 – fala pré-letramento) exerce total influência sobre a linguagem escrita (E_1 – escrita pré-letramento), cujo estágio pode ser representado da seguinte forma:

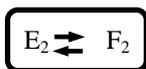


Mais tarde, quando a sua prática da escrita se solidifica e o seu letramento já é razoável, é a linguagem escrita (E_2 – escrita pós-letramento) que influencia a sua linguagem oral (F_2 – fala pós-letramento), cujo estágio se pode representar da seguinte forma:

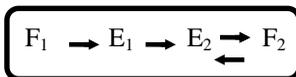


Como se pode perceber essas influências constituem um ciclo: a fala, anterior ao letramento, exerce influências sobre a escrita, dando início ao que vimos chamando de isomorfia parcial; a fala, posterior ao letramento, sofre influência da escrita, o que faz o falante executá-la conforme o que sabe da escrita.

Essa isomorfia é mais acentuada em textos (orais e escritos) de indivíduos que mantêm um contato constante com a escrita e a oralidade, constituindo um ciclo de simulações contínuas e mútuas, cujo estágio se pode representa da seguinte forma:



Numa leitura da proposta traçada por Kato (*Op. cit.*), estabelecemos, no ciclo de simulações contínuas, um ciclo contínuo das direções de simulações entre E₂ e F₂ (Cf. BOTELHO, 2012, p. 55). Isto é, um ciclo constante de influências mútuas, que pode ser representado da seguinte forma:



Trata-se de um estágio em que ocorre o alto grau de influências mútuas. Isto é, ocorre um estágio avançado do ciclo de simulações contínuas, no qual se estabelece um alto grau de letramento, a partir do qual se pode perceber a efetivação de uma linguagem oral culta.

É nesse estágio que muitos aspectos gramaticais da norma considerada padrão ou culta se efetivam de maneira espontânea nas diversas comunicações linguísticas dos usuários proficientes de uma língua materna. Nele, a escrita convencionalizada, já socializada (E₂), que difere substancialmente daquela utilizada até então, influencia a fala (F₂), que procura nesse momento reproduzir a escrita, num ciclo contínuo de simulações mútuas.

Considerarei certos aspectos comumente encontrados nas produções escritas de usuários proficientes de uma dada língua materna. Tais aspectos característicos da escrita, que é considerada fundamentalmente o padrão culto da língua, são:

- ✓ uso de conectivos subordinativos e coordenativos;
- ✓ uso de pronome relativo;
- ✓ períodos mais longos, limitados pelo pensamento lógico;
- ✓ estruturas com verbo na voz passiva;
- ✓ nominalizações; e
- ✓ uso de elipse de termos.

Contudo, estamos certos de que tal oralidade culta não constitui propriamente a norma padrão (ou culta) da língua, que se refere a um uso específico da linguagem escrita: escrita de nível formal (ou semiformal).

4. Considerações finais

Certamente, as linguagens oral e escrita possuem particularidades, porém são modalidades discursivas de um mesmo sistema linguístico, de modo que podemos admitir que há mais semelhanças entre a modalidade oral e escrita do que diferenças.

Não se privilegiou a norma culta, e, por conseguinte, não foi tratada a questão do certo e do errado. Naturalmente, esta norma culta foi considerada, pois serviu de modelo de descrição e análise do material utilizado (gravações espontâneas).

Para entendermos as semelhanças entre oralidade e escrita, consideramos que o fenômeno de influências mútuas se dá nas duas direções (entre E_2 e F_2); denominei esse estágio como ciclo de simulações contínuas e mútuas. Corrobrei, com isso, a teoria de Brown (1981), quando afirma que, neste estágio, é a oralidade que procura simular a escrita. Convém lembrar que tal fato não se verifica nos textos dos alunos do Ensino Fundamental, os quais se identificam mais com a linguagem oral, mas que já se verifica nos textos dos alunos do Ensino Médio.

O usuário normal adquire inconscientemente o domínio oral e escrito, desenvolvendo em seu uso linguístico especificidades da linguagem escrita e oral de bom nível, e se torna um falante culto. A língua se funda nos seus usos, já que falar e escrever bem não equivalem a ser obediente às regras da língua, mas sim ser capaz de usá-la adequadamente para produzir o efeito de sentido pretendido numa dada situação de uso.

Dessa forma, podemos dizer que um indivíduo que domina bem a escrita terá esta característica refletida em sua fala, do mesmo modo que um falante com um relativo grau de letramento apresentará uma fala gramaticalmente correta e semelhante à escrita. Contudo, não se deve crer numa fala-padrão, como afirma Kato (*Op. cit.*), corroborando Brown (*Op. cit.*), nem numa simples tecnologização da fala, como o quer Ong (*Op. cit.*). O resultado do desenvolvimento das influências mútuas das modalidades escrita e oral, que é por si só ilimitado, é muito mais complexo do que se imagina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAMAN, K. Coordination and subordination revisited: syntactic complexity in spoken and written narrative discourse. In: TANNEN, D. (Ed.). *Coherence in spoken and written discourse*. Norwood, NJ: Ablex, 1984.

BECHARA, Evanildo. A Correção idiomática e o conceito de exemplaridade. In: José C. Azeredo (Org.). *Língua em debate: conhecimento e ensino*, Petrópolis: Vozes, 2000. p. 11-18

BIBER, D. *Spoken and written textual dimensions in English: resolving contradictory findings*. Language, 1986.

_____. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BOTELHO, José Mário. *Oralidade e escrita sob a perspectiva do letramento*. Judiai-SP: Paco, 2012.

_____. A natureza das modalidades oral e escrita. In: *Filologia, Linguística e Ensino*. Tomo 2, V. IX, n. 03. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2005. p. 30-42

_____. Entre a oralidade e a escrita: um contínuo tipológico. In: *Produção e Edição de Textos*. V. VIII, n. 7. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2004. p. 57-69

_____. O isomorfismo entre as modalidades da língua. In: *Discurso e Língua Falada*. CiFEFiL: Rio de Janeiro, 2003. p. 157-77

BLOOMFIELD, L. *Language*. New York: Holt, 1933.

BROWN, Gillian. Teaching the spoken language. In: *Association Internationale de Linguistic Apliquée*. Brussel, Proceedings II: Lecture, 1981, p. 166-82

BROWN, G.; YULE, G. *Teaching the spoken language: An approach based on the analysis of conversational English*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

_____. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 1-26

CALLOU, D. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro*. Material para o seu estudo. UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

CÂMARA Jr., J. M. *Manual de expressão oral e escrita*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

CHAFE, Wallace; DANIELEWICZ, Jane. Properties of speaking and written language. In: HOROWITZ, Rosalind; SAMUELS, S. Jay (Eds). *Comprehending Oral and Written Language*. New York: Academic Press, 1987. p. 83-113

FÁVERO, Leonor Lopes *et al.* *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FRANCHI, E. *A redação na escola*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

GARCIA, O. M. *Comunicação em prosa moderna*. 14. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.

GIVÓN, T. (Ed.). *Discourse and syntax*. New York: Academic Press, 1979.

KATO, Mary A. *No Mundo da Escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 2. ed. 1987.

KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça. Interferência da oralidade na aquisição da escrita. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, 30, Campinas: UNICAMP, 1997(a). p. 31-8

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

ONG, Walter J. *Orality and literacy: The technologizing of the word*. London: Methuen, 1982.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.